

O trabalho docente e o enfrentamento das *fake news* e *fake knowledge*

OSNI OLIVEIRA NOBERTO DA SILVA*

Resumo: Este ensaio teve como objetivo discutir, através de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, o trabalho docente do século XXI e sua contribuição para o enfrentamento das *Fake News* e *Fake Knowledge*. Apesar de existir desde a antiguidade, é com o advento da internet que as *Fake News* e *Fake Knowledge* encontram o ambiente mais propício para sua difusão e amplificação de seus impactos negativos. Sendo um dos pilares ao enfrentamento delas, o papel do professor, apesar de exigir novos olhares, ainda continua central, sendo um guia para os alunos de qual as informações são confiáveis e como buscar tais conhecimentos, como um guia para atravessar um rio, que vai tateando o melhor caminho, advertindo quais pedras pisarem ou se as águas estão muito fortes etc. Não é necessário conhecer sobre todos os aspectos e campos da ciência, mas é preciso educar a população a saber onde procurar para retomar a conexão entre o conhecimento sistemático e o seu impacto na vida cotidiana das pessoas parece ser um caminho necessário. Se compreendermos a importância de algo, tendemos a valorizá-lo e protegê-lo.

Palavras chave: Trabalho Docente; Fake News; Fake Knowledge.

Teaching work and facing *fake news* and *fake knowledge*

Abstract: This essay aimed to discuss, through a bibliographic review of the narrative type, the teaching work of the 21st century and its contribution to coping with Fake News and Fake Knowledge. Although it has existed since antiquity, it is with the advent of the internet that Fake News and Fake Knowledge find the most conducive environment for its diffusion and amplification of its negative impacts. Being one of the pillars to face them, the role of the teacher, despite requiring new perspectives, is still central, being a guide for students of which information is reliable and how to seek such knowledge, as a guide to cross a river, which gropes the best way, warning which rocks to step on or if the waters are too strong, etc. It is not necessary to know about all aspects and fields of science, but it is necessary to educate the population to know where to look in order to resume the connection between systematic knowledge and its impact on people's daily lives seems to be a necessary path. If we understand the importance of something, we tend to value and protect it.

Keywords: Teaching work; Fake News; Fake Knowledge.



* OSNI OLIVEIRA NOBERTO DA SILVA é Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV.



1. Introdução

A internet hoje está consolidada na sociedade contemporânea. Talvez a mais importante ferramenta já produzida desde o desenvolvimento da escrita, ela possibilitou o acesso infinito de troca de dados, informações e em um grau superior, conhecimento sistematizado.

Antes da internet, a própria difusão do conhecimento científico seguia critérios estritos, pois se fazia através de revistas científicas (exclusivamente impressas e enviadas a universidades que faziam assinatura) ou livros que demoravam anos para serem publicados pelas editoras. De forma mais popular e em linguagem mais simples, a difusão do conhecimento era feita também através da televisão (seus programas, telejornais, filmes etc.) e em menor grau pelo rádio.

Em relação ao campo educacional, o professor dos anos anteriores a propagação da internet era comumente considerado o detentor do conhecimento, que tinha a incumbência de trazer a seus alunos todo o saber produzido,

selecionado, empacotado e inserido no livro didático, seu fiel assistente. Se existisse alguma dúvida, o livro geralmente tinha a resposta.

Assim, o professor podia ser entendido como um guardião de uma torneira que pingava na mão de cada aluno a “água do conhecimento”. A abertura e o fechamento dessa torneira eram controlados pelo docente, a depender do andamento do seu conteúdo em sala de aula e de quanto seus alunos estão com “sede de saber”. E esse saber na maioria das vezes era mensurado, principalmente, segundo a quantidade de informações (datas, fórmulas, regras) memorizadas, ainda que o aluno pudesse não compreendesse sua real aplicação.

Deste modo, a sala de aula acabava sendo um ambiente quase hermético, em que o conhecimento trabalhado dentro dela pelo professor (com seu livro didático) pouco enfrentava concorrência. Televisão, rádio, cinema e outros meios eram encarados mais como ferramentas auxiliares e não concorrentes.

Porém, em meados dos anos 1990 do século XX e principalmente a partir do início do século XXI, a produção e difusão do conhecimento científico sistematizado sofre uma alteração com o acesso e popularização da rede mundial de computadores, termo já mofado para nomear a internet.

As pessoas nascidas a partir desse período estão inseridas dentro da classificação de *Geração Z*. De acordo com Rech e seus colaboradores (2017), a principal característica desse grupo populacional é a “interação e integração com os mais variados equipamentos eletrônicos e tudo ao mesmo tempo. Estes não conheceram o mundo sem tecnologia” (p. 156-157). Além disso:

Nasceram na era digital e se sentem à vontade, zapeando com seus apetrechos eletrônicos. Para eles não existem fronteiras, os “amigos virtuais” estão espalhados pelo mundo, através das redes sociais (...) A Geração Z tem um conceito de mundo sem limites geográficos, esta geração tem muita facilidade e domínio das novas tecnologias e senso de urgência em conhecer e se conectar a todas as possibilidades de intercâmbio virtual. Com toda esta interação tecnológica a Geração Z passa boa parte do tempo encerrada em seu mundo particular, muitas vezes sem conversar com ninguém, nem mesmo com os pais, o que causa carência dos benefícios decorrentes das relações interpessoais (SILVA; BORGES, p. 04).

Do ponto de vista das relações humanas, a vivência em mundo conectado proporcionou múltiplas possibilidades de contatos mais curtos e consequentemente mais enfraquecidos, “em flagrante oposição à sua contrapartida off-line, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de fortalecer os vínculos, limitando

severamente o número de contato à medida que eles se ampliam e se aprofundam” (BAUMAN, 2011, p.23). Ou seja, as restritas e duradouras amizades presenciais são contrapostas aos milhares de “amigos” fluidos das redes sociais.

No Brasil, faz poucos anos que as pessoas nascidas já com a internet estabelecida chegaram à universidade, de maneira que o contraste entre aqueles que viram a chegada da internet (*Geração Y*) e aqueles nascidos submersos no ambiente digital (*Geração Z*) é perceptível.

A própria internet mudou gradativamente e em poucas décadas. Nos seus primórdios as primeiras páginas dos *sites* tinham muitos textos, poucas figuras e nenhum vídeo. Eram carregadas lentamente por conta de conexões fracas e instáveis. Atualmente, as possibilidades parecem ser infinitas. Reuniões ao vivo, jogos com várias pessoas conectadas pela rede, de diferentes partes do mundo, além da propagação dos canais de *Youtube* e serviços de *streaming* como a *Netflix*, enviam vídeos em alta definição a uma rápida conexão de banda larga.

Nesse cenário de mudanças, com as informações acessíveis, a forma de aprender precisou ser revista, o que forçou uma reorganização do trabalho docente e da própria formação do professor, tanto da educação básica quanto dos cursos de graduação no ensino superior.

Se há 30 anos era importante saber, por exemplo, que D. Pedro I deu seu famoso grito de Independência as margens do riacho Ipiranga em Sete de Setembro de 1822 e que tal pergunta seria feita pelo professor na prova valendo um ponto, atualmente essa informação perdeu a relevância como quantificador de

conhecimento. Isto porque qualquer aluno a obtém em uma busca rápida na internet pelo notebook ou celular, inclusive a informação ainda pode vir auxiliada por vídeos interativos de tal acontecimento. O simples acúmulo de dados e informações como quantificador de inteligência foi substituído pela valorização do uso desses dados, a conexão entre essas diversas informações e sua aplicabilidade na manipulação ou compreensão do mundo contemporâneo.

Assim, as tecnologias trazem novas possibilidades pedagógicas, mas que não substituem o trabalho do professor, ainda que políticas públicas educacionais e formação docente precisem ser revistas para abarcar essas possibilidades, como é explicado por Kenski (2011):

Por maior e melhor que seja a estrutura tecnológica, sozinha, ela não consegue realizar nenhum projeto educacional de qualidade. O investimento maciço em treinamento de professores para o domínio técnico do uso de computadores também não vai resolver o problema. Nem mesmo a formação pedagógica e crítica para o desenvolvimento de projetos educacionais de acordo com os mais novos paradigmas e teorias educacionais vai levar a escola a alcançar os novos índices almejados de qualidade. Todas essas condições são necessárias, precisam estar presentes no projeto dessa nova escola, no entanto, elas não são ainda suficientes. A escola do tamanho do mundo, que se viabiliza pelo uso intensivo das tecnologias e das redes digitais, precisa ser vista com uma nova mentalidade (KENSKI, 2011, p. 125).

Porém, a internet como ferramenta, apesar de favorecer a disseminação do conhecimento sistematizado e a conexão entre as pessoas através das redes

sociais, serviu para produzir paradoxalmente um efeito colateral, que é o seu uso para propagação muito maior de notícias falsas (*Fake News*) e consequentemente de conhecimentos falsos (*Fake Knowledge*).

Vários autores como Kenski (2011), Prado (2018), Santos e Vieira Junior (2019) estudaram a importância das novas tecnologias no ensino da educação básica; o enfrentamento das *Fake News* pelo professor na escola regular e como essa situação afeta o processo educacional.

Nesse novo mundo digital em que conhecimento, informação e saberes estão a um clique de distância (sendo mais realista: a uma rápida pesquisa no *Google* e meia dúzia de cliques) e paradoxalmente ocupam as mesmas prateleiras digitais da desinformação, das notícias falsas, do obscurantismo e das teorias da conspiração, levanta-se a questão de como o trabalho docente atual, imerso na era da internet, onde o conhecimento sistematizado é atacado pelas notícias falsas e os falsos saberes, pode contribuir para o enfrentamento dessa situação?

Desse modo, este ensaio teórico teve como objetivo discutir o trabalho docente do século XXI e sua contribuição para o enfrentamento das *Fake News* e *Fake Knowledge*. Metodologicamente um ensaio acadêmico é, segundo Severino (2007), uma exposição crítica e problematizadora, onde o autor tem a liberdade de se posicionar acerca de um determinado assunto, na defesa de seu ponto de vista, sem deixar de lado a fundamentação teórica e o rigor inerente a qualquer trabalho científico.

2. *Fake news* e suas implicações

O termo *Fake News* ficou mundialmente consagrado após as eleições Presidenciais dos Estados Unidos no ano de 2016. Porém, de acordo com Posetti e Matthews (2018) a utilização de notícias falsas não é um recurso novo. Desde a Roma Antiga existem registros do uso de informações falsas para desorientar ou até manchar a reputação de um indivíduo relevante perante a sociedade. Um dos casos mais famosos foi a campanha difamatória, proposta pelo Imperador Otávio Augusto contra seu adversário político, o procônsul Marco Antônio, após seu relacionamento com a Rainha do Egito, Cleópatra.

Ao longo dos tempos o uso de notícias falsas acabou por se tornar preponderante durante guerras, problemas sociais e eleições polarizadas, potencializados primeiramente pela invenção da imprensa, por Gutenberg, no século XV e posteriormente pela criação do rádio e da televisão, no século XX (POSETTI; MATTHEWS, 2018). Porém, nenhum destes veículos de comunicação demonstrou tamanho poder de disseminação quando comparado a internet, principalmente com a popularização e consolidação das redes sociais.

Em um país como o Brasil, em desenvolvimento, a chegada da internet e das novidades digitais vem sempre à frente do acesso a uma educação de qualidade, o que prejudica o seu uso responsável e explica as situações conflitantes e até criminosas em redes sociais, nos mais diferentes temas discutidos. Isto porque, onde antes a escassez de informação e a dificuldade de encontrá-la era norma, hoje somos permeados de um excesso dela nas redes sociais sem qualquer filtro. Assim, o desafio da contemporaneidade é saber

distinguir o que serve como um saber útil e confiável do que é puro lixo virtual.

Atualmente é muito fácil entrar em discussões em redes sociais. Muitas vezes os interlocutores demonstram na própria mensagem o completo desconhecimento do assunto em que está sendo discutido. Porém, ele se sente no “direito” de opinar, já que muitas vezes a vontade de responder de imediato supera o tempo ao raciocínio e a análise do contraditório. Dessa forma, a internet deu voz a milhões de “especialistas de redes sociais”. Aqui, prefiro usar um certo eufemismo em contraste a fala do filósofo, semiólogo e linguista Umberto Eco, em seu discurso, ao receber o título de Doutor *Honoris causa* pela Universidade de Turim:

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade (HUFFINGTON POST, 2015, p. 1).

Outra consequência comum da propagação de notícias inverídicas, é a possibilidade de alguém, por diversos motivos, montar um texto com falsa informação, colada a uma imagem, geralmente de alguma personalidade famosa, postar na rede e ser compartilhada por diversas outras pessoas, como explicado por Santos e Vieira Júnior (2019):

(...) vários cidadãos divulgam, principalmente em seus perfis em redes sociais, informações sem procurar entender a genuinidade do que está sendo disseminado. Isso afeta diretamente a escola, visto que os estudantes realizam pesquisas corriqueiramente mas nem sempre verificam as fontes consultadas,

propiciando a cultura da falta de leitura crítica e reflexiva, além de propagar notícias de caráter duvidoso que não contribuem para a sua formação como cidadãos conscientes (SANTOS; VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 1 e 2).

A maioria delas sequer checam a fonte e a veracidade da notícia. Acreditam, comentam, dão apoio e passam adiante, o que amplifica e fortalece a corrente de desinformação. Muitas vezes o título é bem mais histriônico que o conteúdo do texto. De acordo com Kakutani (2018) essa situação vem sendo cada vez mais frequente por conta das redes sociais, que “conectam usuários que pensam da mesma forma e os abastecem com notícias personalizadas que reforçam suas ideias preconcebidas, permitindo que eles vivam em bolhas, ambientes cada vez mais fechados e sem comunicação com o exterior” (p. 16 e 17).

Assim, o conforto de uma “notícia”, ainda que falsa (mas que pode encaixar perfeitamente em valores e crenças pessoais) parece ser mais forte que informações verdadeiras, mas que vão contra a expectativa das pessoas. “A ignorância é uma benção!”, frase muito citada nas redes sociais e eternizada pelo personagem Cypher, do filme *Matrix*¹, descreve bem essa situação.

3. *Fake knowledge* e o mundo real

Alguns escritos de Platão, em especial, o diálogo sobre o Sofismo, existente no texto em que o Estrangeiro de Eleia conversa com Teeteto, já trazem críticas a difusão de conhecimentos falsos propagado pelos Sofistas. Nesse texto, Platão explica que a análise e refutação dos discursos dos Sofistas, é a principal arma no combate a conduta deles, de

demonstrarem publicamente serem donos de um aparente saber sobre os mais variados assuntos, mas que na verdade não passavam de falsas opiniões, que nada mais eram do que obstáculo ao conhecimento real (PLATÃO, 1980).

Atualmente um grande erro dos governantes, pesquisadores, cientistas e professores é desdenhar e não perceber o poder devastador que falsos conhecimentos podem causar, potencializados pela velocidade de disseminação da internet. Um poder capaz de eleger candidatos e alterar políticas públicas governamentais.

Para além de apenas informações inúteis e risíveis, as *Fake Knowledge* podem causar a longo prazo danos biopsicossociais profundos e de difícil enfrentamento. Em suma, muitas áreas de conhecimento são alvos cotidianamente de bizarros *Fake Knowledge* que são propagados em redes sociais e prestam um desserviço à população.

Na atualidade, observa-se que esses conteúdos enganosos, disseminados no mundo virtual e informações alarmantes sem cunho científico comprobatório, têm influenciado determinados grupos em relação a questões de saúde pública, como por exemplo, no que se refere à necessidade de vacinação. Isto gera insegurança e incerteza em alguns países acerca da vacinação dos filhos e da sua própria, e, por conseguinte, aumenta a vulnerabilidade da população a doenças (VIEIRA; SILVA; CORDEIRO, 2019, p. 02).

Desde a cura do câncer através do gengibre, perpassando pela negação das mudanças climáticas, uso de fetos

¹ É um filme de ficção científica, lançado em 1999, que retrata uma distopia futurista onde os seres humanos são cultivados e usados como

fonte de energia para a manter uma realidade simulada criada por máquinas.

abortados como adoçante de refrigerante, terra plana, descrença na eficiência das vacinas, histórico de atleta diminuindo os efeitos dos sintomas do coronavírus, entre outras, permeiam as redes sociais e podem influenciar no comportamento de grandes grupos populacionais.

Silva e Silva Júnior (2019) dão um exemplo dessa prática nefasta quando uma página do *Facebook* publicou um falso alerta para que os pais não vacinassem seus filhos contra o HPV, pois segundo a notícia inventada, o Ministério Público Federal tinha alegado que a vacina poderia causar mal físico e mental permanente as crianças, podendo levá-las a morte. Esse e outros ataques causaram, “em certa medida, lapsos na saúde pública, com o retorno de enfermidades anteriormente controladas no país, como é o caso do sarampo e febre amarela” (p. 229).

Assim, se ao invés do enfrentamento, houver apenas a manutenção de um antagonismo simplório entre o conhecimento sistematizado e as *Fake Knowledge* (falso conhecimento), num tipo de maniqueísmo, corre-se o risco de ambas se nivelarem e se tornarem opiniões ao gosto do freguês, o que logicamente é algo péssimo ao conhecimento científico e para a sociedade como um todo, como explicado por Sacramento (2018):

(...) não é a tecnologia que gera a disposição social atual pela fake news. Vivemos numa sociedade de verdades, cujos dogmas e preceitos de determinados grupos assumem, num relativismo absoluto, a lógica do ‘vale-tudo’ pela verdade pessoal e coletiva: de discussões e ofensas a atentados armados (SACRAMENTO, 2018, p.4).

Um exemplo pode ser observado em uma notícia divulgada pelo portal *GI*, em 9 de

janeiro de 2016, em que uma jovem sofreu uma fratura na quinta vértebra da coluna, quando caiu enquanto realizava um treino de abdômen na academia, através de um exercício conhecido como “abdominal invertido”, que consiste basicamente em ficar de cabeça para baixo pendurado pelos pés e inclinar o corpo tentando aproximar o tronco dos joelhos.

De acordo com a notícia, ela teria amarrado os pés com uma fita elástica em um banco feito para exercício de bíceps e enquanto executava a atividade a fita acabou se rompendo, fazendo a jovem cair de cabeça no chão (FERNANDES, 2016). Esse exercício foi imortalizado no filme *Rocky IV* de 1985, quando Sylvester Stallone o executa em uma versão mais *hardcore* (claramente com efeitos de edição), em um celeiro no frio da Sibéria. Apesar da improvisação e da gravidade da situação, uma parte curiosa na notícia foi que a jovem declinou da ajuda de um profissional de Educação Física, alegando que treinaria sozinha, com a justificativa de que já tinha “experiência” e sabia qual era seu treinamento.

Assim, é importante questionar o que aconteceria se o paciente de um consultório odontológico falasse ao seu Ortodontista que não necessitaria fazer a revisão, já que ele supostamente teria “experiência” com o aparelho na boca e por conta disso ele mesmo iria fazer a substituição dos vários componentes do aparelho; ou mesmo que um paciente que está tratamento de uma enfermidade através de remédios e por conta própria resolve aumentar a dose, mesmo que o médico seja contra, porque entende que ao usá-la há muito tempo, tem “experiência” de já conhecê-la. Isso só para citar esses dois exemplos exagerados de forma proposital.

É óbvio que é importante as pessoas buscarem sempre mais o aprendizado em algo que lhes interessa, ainda que a sabedoria popular continue tendo seu espaço. Atualmente, dentes ainda são arrancados com uma “técnica” de linha de costura presa a uma porta; a automedicação de remédios tarja vermelha; e jovens ainda submetem seu corpo ao treinamento com halteres em espaços improvisados em “fundos de quintal” sem o mínimo de orientação profissional.

Porém, não é porque as pessoas aprendem os processos elementares de uma determinada profissão que torna-se seguro e confortável o descarte dos profissionais em situações de maior nível técnico de aprofundamento. É necessário, portanto, mais que valorizar os profissionais e cientistas que estudaram por muitos anos (e continuam estudando), também é importante reconhecer que investiram tempo e dinheiro em livros e cursos, em conhecimentos científicos, e por conta disso podem prestar um serviço com competência.

4. O professor e o enfrentamento das *fake news* e *fake knowledge*

De acordo com Silva e Carvalho (2013) a instituição escolar que outrora se colocava de maneira indiferente aos problemas e conflitos da sociedade que estava inserida, se situa atualmente como um elemento social central, no que diz respeito ao enfrentamento dos diversos problemas que a permeiam, de maneira que inevitavelmente o mundo acaba entrando dentro da escola, afetando inclusive a própria dinâmica do trabalho docente.

No caso do enfrentamento as *Fake News* e *Fake Knowledge*, de acordo com Prado (2018) a Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias

(IFLA) criou um conjunto de dicas com o intuito auxiliar professores e alunos de escolas (mas que podem ser também utilizadas no ensino superior) a identificar notícias falsas:

Considere a fonte da informação: tente entender sua missão e propósito olhando para outras publicações do *site*;

Leia além do título: títulos chamam atenção, mas não contam a história completa;

Cheque os autores: verifique se eles realmente existem e são confiáveis;

Procure fontes de apoio: ache outras fontes que confirmem as notícias;

Cheque a data da publicação: veja se a história ainda é relevante e está atualizada;

Questione se é uma piada: o texto pode ser uma sátira;

Revise seus preconceitos: seus ideais podem estar afetando seu julgamento;

Consulte especialistas: procure uma confirmação de pessoas independentes com conhecimento. (PRADO, 2018. p. 7 e 8)

Dessas oito dicas, a última, referente a consulta com especialistas, é onde está posto o cerne da discussão deste ensaio. A ciência não é um dogma, é análise, teste e refutação continuas, como bem explicado por Carl Sagan em seu livro clássico *O mundo assombrado pelos demônios*:

A ciência é diferente de muitos outros empreendimentos humanos – evidentemente não pelo fato de seus profissionais sofrerem influência da cultura em que se criaram, nem pelo fato de ora estarem certos, ora errados (o que é comum a toda atividade humana), mas pela sua paixão de formular hipóteses

testáveis, pela sua busca de experimentos definitivos que confirmem ou neguem as ideias, pelo vigor de seu debate substantivo e pela sua disposição a abandonar as ideias que foram consideradas deficientes. Porém, se não tivéssemos consciência de nossas limitações, se não procurássemos outros dados, se nos recusássemos a executar experimentos controlados, se não respeitássemos a evidência, teríamos muito pouca força em nossa busca da verdade. Por oportunismo e timidez, poderíamos ser então fustigados por qualquer brisa ideológica, sem nenhum elemento de valor duradouro a que nos agarrar (SAGAN, 2006, p. 305).

Para este autor, a ciência é como uma vela no escuro, segue metodologias rigorosas e não podem ser confrontadas com meras opiniões e crenças. Desse modo, na escola, cabe aos professores, partir das informações trazidas pelos alunos e junto com eles, analisá-las, seguindo as oito dicas do IFLA, a fim de compreender tanto a sua veracidade, como a sua relevância. E neste caso, o uso da internet é preponderante, como explicado por Azevedo (2008):

O professor, ao trabalhar conceitos científicos com os estudantes, considerando as necessidades da sociedade atual, não tem como ignorar as mudanças que as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, principalmente o computador e a internet, estão provocando em todos os campos da sociedade. Tais mudanças podem ser observadas, por exemplo, na linguagem das pessoas, na mídia, nas brincadeiras das crianças e em muitas outras situações do cotidiano, trazendo consequências, sobretudo, para a educação, levando as instituições educativas, e consequentemente o próprio trabalho docente, a buscarem novos

caminhos legitimadores de suas ações (AZEVEDO, 2008, p. 45).

Assim, compreendendo que muitas *Fake News* e *Fake Knowledge* surgem a cada dia, o trabalho do professor perpassa a da pesquisa sistemática. Mas, para ensinar os alunos a pensar e agir como pesquisador, é importante que o professor tenha formação e atitude como tal. O pensamento de Paulo Freire (2002) no livro *Pedagogia da Autonomia*, ajuda a compreender essa concepção de professor – pesquisador:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2007, p. 29).

Ainda de acordo com Freire, a pesquisa é uma das principais característica da atividade docente. Desta forma, “o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (Op. cit. p. 29).

Apesar de Freire estar se referindo ao professor da escola no ensino básico, acredito que seu pensamento pode perfeitamente ser transportado para a situação dos professores universitários, haja vista que a pesquisa é uma exigência há muito tempo existente na carreira do docente de terceiro grau.

Concordando com Freire, Azevedo (2008) também explica que é necessário levar em consideração que o professor, quando faz uma reflexão sobre a sua

própria prática, pode se transformar em um pesquisador que auxilia e produz conhecimentos, “num processo contínuo que exige tempo, vontade, maturidade, reflexão, sendo condição essencial ter-se um trabalho coletivo em todo processo ensino-aprendizagem” (p. 35).

Ainda usando uma analogia hídrica, o professor nesse caso seria um guia que vai com uma vareta Tateando o melhor caminho ou advertindo em quais pedras pisarem ou se as águas estão muito fortes etc. Não é necessário conhecer sobre todos os aspectos e campos da ciência, mas é preciso educar a população a saber onde procurar, onde “bater a vareta”, evitar os buracos ocultos pela água turva para não se afogar ou ser levado pela forte correnteza da desinformação.

E com esse “rio” de falsas notícias e falsos saberes, o professor deve se tornar figura central na seleção do que pode ser aproveitado, analisado, discutido e consequentemente mantido e aplicado pelos alunos daquilo que deve ser descartado e até combatido, como explicado por Umberto Eco:

A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. A Wikipédia presta um desserviço ao internauta. Outro dia publicaram fofocas a meu respeito, e tive de intervir e corrigir os erros e absurdos. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar (GIRON, 2013, p.1).

O professor precisa instrumentalizar os alunos a terem autonomia para selecionar o conhecimento científico. Este movimento não é só importante para

o âmbito acadêmico apenas. Não que seja pouco, mas saber “navegar no rio contaminado” por *Fake News* e *Fake Knowledge* é importante para a própria coletividade.

Essas novas exigências educacionais nos encaminham para definições feitas pela maioria dos países que se preocuparam com o futuro de seus cidadãos. Todos, sem distinção, transformaram a educação em prioridade nacional. No âmbito do governo, da sociedade de forma abrangente, de as esferas públicas, de todos os poderes, em todos os locais, foram criadas condições para a formação de cidadãos que estivessem em condições de viver plenamente os novos tempos. Espaços virtuais como Orkut, Messenger, blogs, Wikipédia, entre outros, mostram a força dessa nova realidade. A educação nunca mais será a mesma. As mudanças já ocorrem no movimento cotidiano de alunos e professores, das pessoas em geral, que acessam esses novos espaços de interação, comunicação e aprendizagem. É preciso que as escolas — de todos os graus e níveis de ensino — acordem para a incorporação desses movimentos no cotidiano de seus cursos. Ou, como diz Umberto Eco, ficarão estagnadas e condenadas à obsolescência (KENSKI, 2011, p. 127).

Ainda que todo o conteúdo de um curso inteiro de qualquer graduação de nível superior esteja disponível na internet, ao alcance de todos, é cada vez mais necessário a figura do professor para selecionar, conduzir e avaliar tanto a procedência e relevância daquele saber quanto o domínio e a evolução dos seus alunos. Assim, percebe-se que o professor não perdeu sua relevância com a popularização da internet, mas sim precisou mudar sua formação e sua maneira de lidar com o conhecimento.

Se antes, com o livro didático geralmente o professor se sentia seguro, o que poderia esconder falhas em sua própria formação e atuação, atualmente é muito mais difícil o trabalho do docente despreparado passar despercebido. Os alunos estão o julgando e o avaliando o tempo todo. Qualquer informação errada, conceito mal apresentado, pode ser exposto praticamente em tempo real, apenas por uma busca no celular.

Desta forma, como os alunos tem acesso a todo o conhecimento de dentro de sua própria casa, a analogia com a torneira acaba ficando obsoleta porque cada um deles tem acesso a “rios caudalosos” de informação, acessados pelo computador, *Ipad*, *Iphone*, entre outros aparelhos. Assim, é preponderante uma nova abordagem educacional de emancipação dos estudantes contra a desinformação.

De acordo com Silva e Macedo (2018) é necessário que exista dentro das escolas uma atuação junto aos alunos em um constante processo investigativo acerca das *Fake News* e *Fake Knowledge*, difundidas em sua grande parte, através das redes sociais, já que nelas é que existe o maior risco “de propagar informações sem o cuidado necessário de investigar se o que é proferido realmente procede” (p. 2).

É preciso deixar claro que é ingenuidade pensar que todos os alunos tem acesso a internet na mesma proporção. Muitos alunos só tem acesso a ela ao utilizar o laboratório de informática de sua escola ou faculdade. Deste modo, a condição social está intimamente relacionada a como o aluno interage com essa quantidade de informações, tanto em relação ao acesso de conhecimento, quanto a vulnerabilidade em relação as *Fake News* e *Fake Knowledge*, como analisado por Kenski (2011):

Difícil pensar de forma global no futuro das relações entre educações

e tecnologias. Uma coisa, porém, é certa: vamos falar de múltiplas educações para pessoas muito diferentes. Essas diferenças estarão ligadas às condições de acesso e uso de tecnologias cada vez mais avançadas. A lacuna que havia há dez anos entre os que tinham e os que não tinham acesso a computadores e redes vai se ampliar (KENSKI, 2011, p. 115).

O atual descrédito da ciência, da educação e do conhecimento sistematizado pode até se fortalecer dentro de uma parte da população que vive sendo adestrada por *Fake News* e *Fake Knowledge* de redes sociais. Entretanto, suas convicções são duramente abaladas quando a sociedade está diante de um problema real (como uma pandemia de coronavírus que o mundo vive em 2020, por exemplo). Em suma, quando problemas reais batem à porta é pela ciência, conhecimento e educação que eles são enfrentados e derrotados.

Considerações finais de uma discussão inicial...

Aqui retomo o objetivo deste ensaio acadêmico, discutir o trabalho docente imerso na era da internet, onde o conhecimento, a informação e os saberes sistematizados dividem espaço e atenção com a desinformação, as notícias falsas e os falsos saberes.

Mais que um sentimento de vergonha alheia ao observar alguns comentários e postagens em redes sociais, há também uma mistura com outro sentimento, agora de fracasso na educação de um país, em que a opinião de um cidadão que desconhece o assunto a ser tratado, parece ter um peso igual ao de um especialista em um campo da ciência, apenas, pela desculpa incipiente da liberdade de expressão ou direto à opinião.

Muitas vezes a discordância entre dois interlocutores não vem de um embasamento crítico-reflexivo, mas apenas por conveniência em somente discordar do discurso contraditório de uma pessoa ou grupo, após o ódio criado contra ela, ainda que tais argumentos façam mais sentido.

Obviamente, que algumas áreas são mais afetadas que outras, mas aparentemente todas elas, das humanas as biológicas tem seus próprios *Fake Knowledge*, já que atualmente vivemos em tempos de discussões sobre terra plana, ceticismo com as mudanças climáticas, grupos antivacinas e outras bizarrices que parecem ter sido importadas de séculos passados e que confundem e acarretam desinformação e descrédito das pessoas nas ciências e no jornalismo.

É importante, deixar claro, que não há saudosismo referente a época em que o livro didático e o professor eram os únicos detentores do saber, haja vista a importância das novas tecnologias digitais para o processo de ensino e aprendizagem. A questão não é a evolução tecnológica, mas o uso do seu potencial de propagação de informações por pessoas mal intencionadas.

Assim, o elitismo intelectual que muitas vezes existe, principalmente no ensino superior, só causa distanciamento da população que invariavelmente depende desse conhecimento. Desse modo, é importante que as universidades retomem a conexão entre o conhecimento sistemático e o seu impacto na vida cotidiana das pessoas, sendo que esse parece ser um caminho necessário e urgente. Haja vista que se compreendermos a importância de algo, tendemos a valorizá-lo e protegê-lo.

Assim, o combate a desinformação perpassa ao mesmo tempo do fortalecimento da educação, da base ao

superior, aproximando a sociedade do que é produzido e difundido em escolas e universidades. E nisso, o trabalho docente assume uma importância de primeira grandeza.

Referências

- AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins. **Ensino de ciências e formação de professores: diagnóstico, análise e proposta**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FERNANDES, Renata. Estudante fratura coluna durante abdominal em academia em Rio Preto. **G1**. 12 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/01/estudante-fratura-coluna-durante-abdominal-em-academia-de-rio-preto.html>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35ª edição, São Paulo, SP: Paz e Terra, 2007. 146p.
- GIRON, Luiz Antônio. Umberto Eco: “Informação demais faz mal”. **Época**. 04 de julho de 2013. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/umberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>. Acesso em 03 de abril de 2020.
- KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- KENSI. Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª edição. – Campinas – SP: Papirus, 2011.
- PLATÃO. **O Sofista**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. UFB, 1980.
- PRADO, Losana Hada de Oliveira. Fake News e ensino: o trabalho do professor de ensino básico no combate à notícia falsa. **Anais do 7º Congresso de Pesquisa do Ensino do Sinpro/SP**. São Paulo. 2018.
- POSETTI, Julie; MATTHEWS, Alice. A short guide to the history of ‘fake news’ and disinformation: a learning module for journalists and journalism educators. **ICFJ - International Center for Journalists**. 2018.

RECH, Isabella Maria; VIÊRA, Marivone Menuncin; ANSCHAU, Cleusa Teresinha. Geração z, os nativos digitais: como as empresas estão se preparando para reter esses profissionais. **Revista Tecnológica**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 152 - 166, sep. 2017.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. 2018. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**. V.12, n.1. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Mateus José, VIEIRA JÚNIOR, Nilton. Repercussões das fake news na educação em Ciências: estímulo ao pensamento crítico e reflexivo no Ensino Fundamental II. **Revista Brasileira de Educação Básica**, abril – junho, 2019, vol.4, n.13.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Patrícia Adelina Gularte da; BORGES, Maria de Lourdes. Implicações de um Cenário Multigeracional no Ambiente de Trabalho: Diferenças, Desafios e Aprendizagem. In: **Anais do IV encontro de gestão de pessoas e relações de trabalho**. Brasília, 2013.

SILVA, Amanda José Dantas; MACEDO, Idjane Mendes de Freitas. Fake News: Leitura em múltiplas fontes de formação continuada. In: **Anais do XVI Congresso Internacional de Tecnologia na Educação**, Olinda: SENAC-PE, 2018.

SILVA, Rafael Bianchi; CARVALHO, Alonso Bezerra de. Educação e modos de subjetivação no capitalismo contemporâneo: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 146, p. 20-26, 28 jun. 2013.

SILVA, Francisco Vieira da; SILVA JÚNIOR, Joseildo da. Mentiras sinceras (não) me interessam: estratégias biopolíticas do ministério da saúde no combate às fake news. **Intersecções**. Edição 27, Ano 12, Número 1, maio/2019.

HUFFINGTON POST. **Umberto Eco**: “Internet? Ha dato diritto di parola agli imbecilli: prima parlavano solo al bar e subito venivano messi a tacere”. 16 jun. 2015. Disponível em: https://www.huffingtonpost.it/2015/06/11/umberto-eco-internet-parola-agli-imbecilli_n_7559082.html. Acesso em: 05 de abril de 2020.

VIEIRA, Larissa Machado; SILVA, Núbia Rosa da; CORDEIRO, Douglas Farias. Análise descritiva das fake News da saúde através de mineração de textos no Portal da saúde. **Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia - GO**. 2019.

Recebido em 2020-04-06
Publicado em 2021-01-01